

Entrevista “interrompida”: trabalho remoto, afetividade e os sentidos sobre a infância na pandemia de covid-19¹

Juliana Doretto^I

<https://orcid.org/0000-0003-3078-2165>

Thaís Helena Furtado^{II}

<https://orcid.org/0000-0001-9474-1800>

I - Pontifícia Universidade Católica de Campinas
Campinas (SP). Brasil.

II - Universidade Federal do Rio Grande do Sul
Porto Alegre (RS). Brasil.

Resumo: A pandemia da covid-19 modificou as rotinas produtivas em várias áreas e também no jornalismo, já que repórteres e editores passaram a trabalhar em *home office*, entrevistando fontes que estavam nas mesmas condições. Em algumas gravações televisivas, crianças, filhos de profissionais que estavam sendo ouvidos, interferiram na cena, desestruturando a *fachada* (GOFFMAN, 2006) esperada para os sujeitos envolvidos naquela situação de comunicação. Alguns desses casos foram noticiados pelo portal UOL, provocando a reação do público por meio de comentários. Neste trabalho, buscamos compreender os sentidos sobre a infância que podem ser percebidos nessas mensagens, com base nas demandas instauradas pelo chamado “capitalismo afetivo” (ILLOUZ, 2011).

Palavras-chave: infância; pandemia; jornalismo; afetos; comentários.

1 Versão ampliada e modificada de artigo apresentado no 19º Encontro Nacional de Pesquisadores em Jornalismo, ocorrido de modo *on-line* de 9 a 12 de novembro de 2021. O texto não foi publicado nos anais do evento.

Abstract: “Interrupted” interview: remote work, affectivity and meanings of childhood in the Covid-19 pandemic. The Covid-19 pandemic changed production routines in several areas, and also in journalism, as reporters and editors began to work from home, interviewing people who were in the same conditions. In some television recordings, children of professionals who were being heard-interviewed interfered in the scene, disrupting the “façade” (GOFFMAN, 2006) which was expected from the subjects involved in that communication situation. Some of these cases were reported by the UOL portal, provoking the public’s reaction through comments. In this work, we seek to understand the meanings about of childhood that can be perceived in these messages, based on the demands established by the so-called “affective capitalism” (ILLOUZ, 2011).

Keywords: childhood; pandemic; journalism; affections; comments.

Introdução

Entre as várias transformações que a covid-19 provocou na vida das pessoas, uma das mais significativas foi a imposição do *home office*. Se para alguns profissionais trabalhar em casa não representou grandes mudanças, para os jornalistas alterou significativamente sua rotina. Mesmo que a internet e as novas tecnologias já viessem modificando a prática jornalística muito antes da pandemia, o trabalho do repórter ainda se dava primordialmente nas ruas — ou em locais onde os acontecimentos são de potencial valor-notícia (TRAQUINA, 2008). Além disso, também as redações são espaços importantes para a profissão, pois é ali que ocorrem relevantes trocas de informações entre colegas e a finalização do processo produtivo. Nesse ambiente, o jornalista também tem mais controle dos modos de produção, ao trazer para os estúdios televisivos, por exemplo, fontes a serem entrevistadas ao vivo. “Pois se a notícia se encontra na rua, sua elaboração é feita na redação” (TRAVANCAS, 1993, p. 23).

Pesquisa de Figaro *et alii* (2020) ouviu 557 comunicadores, de 24 estados brasileiros e um de Portugal, sobre as rotinas de trabalho durante o primeiro ano da pandemia. Dos respondentes, 61,2% trabalhavam como jornalistas ou em atividades correlatas. O estudo revelou que 80% de todos os participantes aderiram ao trabalho remoto, em casa, durante esse período, e que apenas um pequeno grupo já atuava dessa maneira. Esse número segue tendência observada em outras áreas. Segundo um estudo da Fundação Instituto de Administração (FIA), 46% das empresas do país adotaram a modalidade remota aos seus funcionários na primeira fase de expansão da doença, em 2020 (AGUIAR, 2021).

Além disso, é evidente que houve aumento na carga de trabalho. Segundo a Harvard Business School, em estudo que envolveu 3,1 milhões de pessoas, o tempo laboral cresceu 48,5 minutos com as atividades remotas (POMPE, 2020). E isso inclui os profissionais de comunicação: 81,5% dos respondentes à pesquisa de Figaro *et alii* disseram que a jornada de trabalho aumentou — entre duas e seis horas na maioria dos casos. E isso nem sempre ocorreu apenas pelo crescimento na demanda, mas também por mudanças nos métodos de produção, tais como dificuldades de aprender novas tecnologias; falta de conhecimentos de colegas sobre as plataformas, atrasando o trabalho; e, sobretudo no caso das produções audiovisuais, pela mudança na forma de obtenção das entrevistas, já que as fontes precisavam operar dispositivos para assegurar a gravação: “As imagens e depoimentos que antes eram produzidos por profissionais *in loco* passaram a ser captadas em parte significativa pelos dispositivos móveis das fontes” (BRENOL; SOUSA; BACCIN, 2020, p. 2).

A condição de ter de fazer todas as tarefas profissionais em casa ao mesmo tempo que consolidou uma tendência de distanciar os repórteres dos acontecimentos e de suas fontes, também gerou estresse e ansiedade, rompendo os limites entre trabalho e vida pessoal. Nesse sentido, a pesquisa realizada com os jornalistas ressalta o número elevado de profissionais que disse ter filhos (43,9%) e mostra as dificuldades relatadas por eles no trabalho feito de maneira remota, trazendo o relato de um dos entrevistados: “A capacidade de concentração em cada tarefa diminuiu. Trabalhando de casa, tenho interrupções constantes de filhos” (FIGARO *et alii*, 2020, p. 288). Obviamente, tal rotina também se estabeleceu nas casas de outros profissionais: estudo com 36 mil servidores federais conduzido pela Escola Nacional de Administração Pública (Enap) em parceria com a Universidade de Duke, dos Estados Unidos, e com o Ministério da Economia, em 2020, mostra que os funcionários com filhos de até 5 anos relataram maior perda de produtividade (42 minutos, a cada hora trabalhada) do que aqueles que não têm crianças nessas idades (16 minutos improdutivos) (MÁXIMO, 2020).

Nota-se, assim, que o trabalho realizado no mesmo ambiente em que estão as crianças obriga os profissionais a dividir sua atenção com as tarefas escolares dos filhos e outras demandas domésticas e gera a necessidade de divisão de um espaço, que antes era usufruído de modo mais coletivo. Nesse sentido, compreendemos que, principalmente para os jornalistas que atuam nas mídias audiovisuais, o *home office* significou isolar — ou pelo menos tentar — um lugar da casa para que pudesse trabalhar sem interferências de

imagens e sons próprios de um lar. Do mesmo modo, suas fontes também precisavam criar um ambiente sem ruídos externos enquanto concediam entrevistas por chamadas de vídeo *on-line*.

A pandemia, portanto, representou uma reconfiguração do lar, espaço que teoricamente a criança identifica como o de proteção e acolhimento. Por outro lado, ao serem privados de sair, de conviver com seus pares na escola ou na rua, meninos e meninas foram obrigados a manter uma relação quase exclusiva e constante com sua família, reduzindo as possibilidades de fuga da governabilidade de seus corpos. Houve, portanto, uma forte interferência nas próprias formas de relacionamento familiar. Nesse sentido, ao refletir especificamente sobre as mães nessa ambiência provocada pelo isolamento social, Oliveira (2020, p. 161) percebe que o lar se tornou “um lugar-dentro-de-outro-lugar”, exigindo delas e das crianças um grande esforço emocional:

Para as crianças, o cotidiano no confinamento exigido pela política de isolamento social trouxe problemas de vários tipos: o estresse de uma mudança brusca de rotina, a suspensão das brincadeiras nos espaços públicos — o parque, a praça e outras áreas comunitárias —, a restrição do movimento ao espaço da casa, diminuição da ludicidade corporal com a falta de convívio com outras crianças (OLIVEIRA, 2020, p. 156).

Nesse contexto, em muitas ocasiões, meninos e meninas filhos de jornalistas e de fontes passaram a interferir, durante transmissões ao vivo, no novo cenário que invadiu o seu espaço de convivência com os pais. E várias dessas participações de crianças em momentos em que o jornalista está trabalhando acabaram recebendo, principalmente no início da pandemia, destaque na própria mídia.

Nessas matérias em *sites*, é possível visualizar os comentários do público, em que são percebidas diferentes falas sobre a infância, que surgem atreladas às formas como os adultos tecem suas relações com as crianças, em processos educativos e de controle. Esse movimento pode ser analisado tendo em vista o que Illouz (2011) chama do imperativo da “competência afetiva”, um requisito do capitalismo neoliberal, em que os profissionais precisam não apenas desenvolver capacidades técnicas para a execução do seu trabalho, mas também são instados a gerir seus relacionamentos dentro e fora do ambiente laboral, de modo a potencializar seu desempenho em todas as esferas, realizando uma espécie de boa gestão de si mesmo.

Os afetos, no que ela chama de capitalismo afetivo, passam a ser recursos que devem ser controlados e bem administrados, para que o sujeito, além

de ser mais produtivo e eficiente no seu trabalho, consiga uma boa *performance* no campo pessoal, atingindo a felicidade. Os afetos, para ela, não são uma ação, mas “a energia interna que nos impele a agir”, e que está sempre relacionada ao *eu* na sua relação com o outro. Assim, não são algo fora da cultura, mas, ao contrário, “são significados culturais e relações sociais inseparavelmente comprimidos” (ILLOUZ, 2011, p. 9). Nesse campo, desenvolvem-se a produção de livros de autoajuda, a administração corporativa regida por preceitos da psicologia e também as visibilidades e aparências dos relacionamentos nas mídias digitais. “Na cultura do capital afetivo, os afetos se tornaram entidades a ser avaliadas, inspecionadas, discutidas, negociadas, quantificadas e mercantilizadas” (*ibidem*, p. 154-155).

Com base nessas considerações, este artigo tem como objetivo compreender que sentidos sobre a infância podem ser percebidos em comentários feitos em notícias sobre episódios em que crianças interferiram no discurso jornalístico produzido no lar durante a pandemia por meio das demandas instauradas pelo chamado capitalismo afetivo.

Jornalismo audiovisual na pandemia: representação e afetos

Todos os sujeitos — ou atores, como denomina Goffman (2006) ao comparar as interações sociais a um espetáculo teatral — representam papéis que dependem da situação em que se encontram. Em casa, o papel representado será o de pai, ou mãe, por exemplo. Numa redação, o mesmo ator representa o papel de jornalista, com tudo o que essas representações envolvem. Numa entrevista jornalística, aquele que é ouvido será o especialista ou o sujeito que dá seu testemunho sobre determinado fato ou processo. Ou seja, os papéis representados por um mesmo sujeito se modificam a cada situação e espaço onde ele está.

Goffman (2006, p. 29) chama de fachada “[...] o equipamento expressivo de tipo padronizado intencional ou inconsciente empregado pelo indivíduo durante sua representação”. E ela segue alguns padrões. O primeiro deles é o cenário, formado por itens como mobília e objetos de decoração, e sua alocação física, que compõem um determinado pano de fundo para a construção de certa representação. O cenário de um lar é muito diferente do cenário da rua ou da redação, espaços próprios do jornalismo e já reconhecidos pelo público como relacionados à profissão. Da mesma forma que

o cenário emoldura uma representação, a linguagem que se estabelece em um e em outro local também difere. Portanto, a construção dos sentidos em um discurso deve então passar pela análise da situação de comunicação em que ele surge (CHARAUDEAU, 2009). “O necessário reconhecimento recíproco das restrições da situação pelos parceiros da troca linguageira nos leva a dizer que estes estão ligados por uma espécie de acordo prévio sobre os dados desse quadro de referência” (*ibidem*, p. 68). Assim, nessa troca, por conta dos aspectos que marcam essa situação, estabelece-se, implicitamente, um contrato de comunicação.

Para uma criança, no entanto, os papéis que seus pais desempenham é sempre o de pai e de mãe, mesmo que ela possa reconhecer que eles tenham uma profissão. Mas principalmente em casa, ambiente em que o contrato de comunicação já está estabelecido desde o início de sua existência, a criança vai perceber seus pais desempenhando o papel de pais. É dessa forma que o *home office* que a pandemia impôs a alguns jornalistas, que têm outro contrato de comunicação com o seu público e com suas fontes para realizar seu trabalho, interferiu na vida de crianças. Mesmo que tenham compreendido que os pais precisassem trabalhar, elas continuaram a perceber o cenário de suas casas — principalmente no início da pandemia — como aquele em que a troca tanto linguageira quanto afetiva com seus cuidadores era relativa ao contrato já estabelecido.

Além disso, o trabalho jornalístico depende da relação do repórter com suas fontes. Muitas delas já são treinadas para atender a imprensa e estão inseridas na lógica jornalística. Essas fontes, ao terem que dar entrevistas também em suas casas por causa da pandemia, precisaram igualmente criar um cenário isolado que carregasse as representações de seu papel como profissional. E também muitas dessas fontes convivem com crianças, que tiveram mais dificuldade ainda de identificar aquele “novo cenário” como um espaço do qual estavam excluídas.

Com a pandemia, a exposição do ambiente íntimo dos jornalistas e das fontes fez esses sujeitos tomarem parte, nesse caso, de modo involuntário, do processo chamado por Sibilia (2015) de *extimidade*, em que as subjetividades e as relações pessoais são construídas por meio da exibição pública cada vez maior de comportamentos e visões de mundo. Trata-se, para a autora, de um fenômeno não instaurado pelas tecnologias digitais, mas potencializado por elas. As redes sociais e os telefones com câmeras seriam os sintomas

de um movimento, em que deixamos de edificar o nosso *eu* no interior — da busca por uma *essência* que estaria oculta aos olhos externos, mas que seria acessível pelo recolhimento e pela reflexão, como ditava a burguesia do século 19. Agora nos forjamos como indivíduos com base naquilo que desejamos que os outros pensem de nós. Para Sibília, o que era íntimo torna-se um *show* de si, e o lar, entendido como espaço sagrado dos indivíduos, parece entrar em declive, como outras instituições modernas. Em outras palavras: “[...] vemos como a esfera íntima se converte numa sorte de espetáculo éxtimo. Um teatro, ou mais geralmente uma janela em forma de tela eletrônica, onde cada um tenta se exibir da melhor maneira possível [...] para montar a performance do que se é” (*ibidem*, p. 137).

Jornalistas e entrevistados, ao levarem a público suas casas e a gestão do seu espaço de trabalho doméstico, tiveram de se preocupar não apenas com as impressões do público sobre suas habilidades e conhecimentos profissionais, mas também com o que a audiência pensaria sobre a decoração de suas casas, suas escolhas de mobília e leitura e suas capacidades de estruturar a vida do lar (o que inclui a educação das crianças, quando elas aparecem). Illouz (2011) diz que, com o capitalismo afetivo, a preocupação com estratégias de controle e gestão, que eram próprias do mundo laboral, passa a fazer parte também da vida íntima. E as exigências das novas rotinas produtivas das entrevistas jornalísticas, advindas com a pandemia e possibilitadas pelas redes digitais, parecem ser um claro exemplo do processo descrito pela pesquisadora. Se antes o sujeito “podia deslocar-se de um lado para outro entre o ‘estratégico’ e o puramente ‘afetivo’, o principal problema cultural na era da psicologia e da internet, ao que me parece, é que se torna muito mais difícil a pessoa se deslocar de volta do estratégico para o afetivo” (*ibidem*, p. 157).

Ainda que alguns dos jornalistas ou profissionais em *home office*, por serem personalidades públicas, já participassem do jogo da extimidade (SIBILIA, 2015), construindo suas subjetividades com participação ativa em redes sociais — exibindo suas ações de lazer, momentos com a família, ou bastidores do seu trabalho —, encontraram uma nova situação com a pandemia. A cena posta em questão responde a outra ordem, já que esses profissionais precisavam continuar a exercer o papel profissional, ou as *fachadas* esperadas para as situações laborais, nessas ambiências informais. E o faziam dependendo do comportamento de outros, que não estão nesse mesmo contrato de comunicação em vigência (como as crianças), e em transmissões ao vivo.

Goffman (2006, p. 31) afirma ainda que a fachada pessoal é formada, além de um cenário, por dois aspectos: aparência e maneira. A primeira é entendida como elementos que mostram que aquele ator social está numa atividade formal ou informal; ou seja, qual o “estado ritual temporário do indivíduo”. A segunda nos diz o modo como o sujeito exercerá o papel social esperado: se age com arrogância, pode informar ao outro que não vai se envolver com a situação ou que pretende liderar a ação; se mostra-se inseguro, pode transmitir a ideia de que não está pronto. O autor diz também que se espera coerência entre esses elementos e, quando isso não acontece, a situação chama a atenção dos outros, incluindo os jornalistas, que por vezes reportam essas situações a um público mais amplo: “[...] as exceções à esperada compatibilidade entre ambiente, aparência e maneira oferecem sabor picante e o encanto de muitas carreiras e o apelo vendável de muitos artigos e revistas” (*ibidem*, p. 32).

Assim, momentos em que crianças interferiram em entrevistas jornalísticas, por representarem uma incoerência entre esses elementos e serem inesperados, foram noticiados pela imprensa brasileira, como falamos anteriormente. São os comentários feitos pelo público leitor desses textos que estudaremos neste artigo por meio da Análise de Discurso de linha francesa, como veremos a seguir.

Construindo o *corpus* da pesquisa

Escolhemos a Análise de Discurso (AD) para examinar os comentários dos leitores por ela enxergar a língua como um sistema abstrato, que leva em conta os sujeitos que falam e produzem sentido com base em sua história, época, sociedade e cultura. A AD leva em consideração, sempre, as condições em que determinado discurso é produzido. “Desse modo, para encontrar as regularidades da linguagem em sua produção, o analista de discurso relaciona a linguagem à sua exterioridade” (ORLANDI, 2000, p. 16). O tempo e o espaço dos sujeitos que fizeram os comentários que analisamos são, então, o da pandemia de covid-19, no Brasil, com todas as características já comentadas. Nossa tarefa foi encontrar regularidades nas mensagens dos internautas em relação aos sentidos construídos sobre infância.

Estudamos os comentários visíveis em três textos, todos publicados no UOL, um dos portais noticiosos de maior audiência no Brasil, com 114 milhões de visitantes por mês². As matérias são do início da pandemia de covid-19, em

2 Disponível em: <<https://sobreuol.noticias.uol.com.br/historia>>. Acesso em: 5 ago. 2021.

abril de 2020, quando os profissionais estavam se adaptando ao cotidiano do trabalho remoto, e o público também se habituava aos novos cenários do telejornalismo, feito por vezes diretamente da casa de entrevistadores e fontes.

Durante o processo de seleção desses textos, encontramos tanto aqueles que tratavam da interferência de filhos de jornalistas quanto de filhos das fontes. A filha do jornalista gaúcho Daniel Scola, Joana, de 2 anos, por exemplo, foi uma das que interromperam o comentário que o pai fazia para o *Bom Dia Rio Grande*, da RBSTV. A atitude da menina virou notícia no GZH, portal de notícias da mesma empresa jornalística da emissora, no dia 5/8/2020, com o título “Filha de Daniel Scola ‘invade’ programa ao vivo e dá show de fofura; veja o vídeo” (GZH, 2020). É possível perceber que o jornalista fica desconfortável com a situação, mas acaba incluindo Joana no vídeo. Na Rádio Gaúcha, também da RBS, a presença da voz das filhas de Scola e de outros comunicadores acabaram se tornando mais constantes durante a pandemia e foram até, em alguns casos, incorporadas na programação como pequenas vinhetas.

Há também situações em que a presença da criança fica visível por meio de marcas no ambiente em que o jornalista acabou escolhendo, por algum motivo — talvez até pela facilidade de acesso à internet —, como o melhor para fazer suas entradas ao vivo em casa. Foi o caso da repórter Carolina Ercolin, do Eldorado Expresso, programa do *Estadão*, que fez uma gravação no dia 7/4/2020, com um armário ao fundo — provavelmente de um quarto de criança — com imagens de super-heróis³. Nesse caso, o cenário (GOFFMAN, 2006) esperado para a representação da jornalista foi alterado. Foi perceptível, no entanto, a forma como essas reconfigurações foram sendo mais naturalizadas pelos jornalistas no decorrer da pandemia, ou como aos poucos os profissionais foram encontrando soluções para a nova rotina. Até porque o inesperado e a improvisação já fazem parte, em certa medida, das situações de entradas do repórter em transmissões ao vivo no telejornalismo.

Por isso, decidimos fazer a análise dos comentários em três textos do UOL que tratam principalmente da presença de crianças na casa de fontes durante uma transmissão ao vivo, onde o jornalista tinha menos controle. Nesse processo, é importante destacar que, com o isolamento social e a possibilidade do uso da tecnologia digital móvel, as fontes passaram a ter um poder maior na definição do ambiente em que a entrevista seria concedida. “Está

3 Disponível em: <<https://www.youtube.com/watch?v=oR1W4VRaYlg>>. Acesso em: 5 ago. 2021.

na mão da fonte a seleção do ângulo que julga ser o melhor para transmitir a mensagem que pretende e a escolha do cenário que quer mostrar, compondo assim parte do contexto da narrativa” (BRENOL; SOUSA; BACCIN, 2020, p. 17). Além disso, quando as fontes são especialistas, carregam consigo a expectativa de uma *fachada pessoal* em que a *aparência* seja a de um ator desempenhando uma atividade de trabalho formal de uma *maneira* séria, de detenção de conhecimento (GOFFMAN, 2006). Parece, portanto, haver menos espaço para improvisações e descontração.

Dessa forma, notamos que as reportagens que mostraram as interferências dos filhos dos jornalistas na cena praticamente não geraram reação do público, talvez em razão de os jornalistas terem rapidamente incorporado a criança na cena, ressaltando que era um momento terno, carinhoso, como mostramos acima. Tentavam, assim, reconstruir o contrato de leitura por meio da ideia de humanização de sua profissão: o repórter usava a situação para gerar empatia com o espectador, mostrando que ele, assim como o público, também estava enfrentando o *home office*.

As fontes especialistas, por outro lado, parecem ter sido mais pressionadas a manter a fachada esperada no seu contato com os jornalistas, como representantes de campos do saber que também correspondem a fachadas e cenários próprios. Apesar de, ao contrário de situações anteriores à pandemia, estarem normalmente em suas casas, e não mais num estúdio ou de frente às lentes de uma câmera profissional — ou seja, de terem maior controle da situação —, a chegada de uma criança desmontava o ambiente esperado para o encontro. Isso interfere ainda na aparência, que passa a ser informal, quando o esperado era a formalidade; e na maneira, já que a insegurança das fontes, com a presença da criança, desconstrói a estabilidade e a firmeza previstas para essa interação entre fonte e repórter. Essas ocasiões parecem ter provocado maior reação do público (seja de crítica, seja de acolhimento), que não esperava que o discurso de um perito fosse proferido de tal forma. Daí o maior número de reações, com a quebra de expectativa, ainda que maior em alguns casos do que em outros. Nessa desestruturação, fica evidente como a presença de crianças em ambientes do dito mundo adulto provoca discussões sobre como as relações afetivas, entre pais e filhos, devem ser geridas e controladas e deixa transparecer sentidos sociais sobre a infância.

O primeiro texto escolhido para nossas análises, “Menino aparece com capa de pikachu durante entrevista ao vivo do pai na CNN”, foi publicado

em 5/4/2020 e conta que o professor Silvio Camacho era entrevistado pela CNN, canal jornalístico da TV a cabo, quando o filho de “4 anos fez uma participação especial”, aparecendo ao fundo da cena, com máscara e capa do personagem de desenho animado japonês. A matéria diz ainda: “No fim do vídeo é possível ver alguém retirando o menino do ambiente”. Foram 12 comentários do público postados na matéria.

O segundo deles, “Filho sobe em móvel enquanto mãe (e infectologista) discute pandemia na TV”, de 19/4/2020, diz que a médica Mirian Dal Ben dava entrevista ao canal de TV paga Globo News sobre cuidados que as pessoas deviam ter durante a pandemia quando seu filho apareceu na cena: “a criança se aproxima da mãe e a chama. Sem ser atendido, ele então sobe no móvel onde estava o computador”. A matéria conta que a apresentadora interrompeu a entrevista e buscou acalmar a fonte: “Fique tranquila. O que a senhora está vivendo, o mundo todo também está vivendo neste momento. Trabalhar e estar com os filhos em casa. A gente sabe das dificuldades. Pode dar a atenção para ele. Depois a gente volta”. A reportagem traz ainda a publicação da médica em uma rede social, mostrando preocupação com o filho: “No Twitter, Mirian explicou o ocorrido. ‘Samuel, [ele] subiu onde estava o computador. E eu desesperada achando que iria cair’”, o que demonstra que a jornalista teve mais facilidade de improvisar com a quebra do contrato de comunicação estabelecido do que a fonte. A matéria gerou 141 comentários, incluindo conversas entre comentaristas.

Por fim, “Crianças interrompem entrevistas dos pais e divertem a web; veja os vídeos” (20/4/2020) recupera o caso anterior e traz o relato de outras interferências, dessa vez incluindo também filhos de entrevistadores: “Com o isolamento social, pais que estão trabalhando próximo aos filhos tiveram que adaptar suas rotinas para incluí-los no ambiente profissional”. Foram 13 comentários.

Selecionamos as mensagens com conteúdo compreensível e significativo para a análise aqui proposta, ou seja, postagens em que as pessoas comentavam sobre as crianças e sobre a relação delas com os adultos. Assim, não analisamos mensagens como risadas, como apenas ‘kkk’; apoio ou crítica ao governo Bolsonaro; ataques à Rede Globo, ou defesa da rede de TV; e comentários sobre as medidas de combate à pandemia.

- 4 Reconhecemos que símbolos e expressões que representam emoções na linguagem digital podem ser importantes em uma pesquisa, mas desconsideramos essas manifestações quando não era possível identificar se elas estavam relacionadas a algum sentido sobre infância, como a aprovação ou a crítica à situação protagonizada pelas crianças nos vídeos.

Em seguida, buscamos essas postagens também no perfil do UOL no Facebook, encontrando republicações só dos dois primeiros textos. Recolhemos então as mensagens presentes, ainda que o número fosse pequeno: na primeira postagem⁵, foram 16; na segunda⁶, 35. Novamente, não contabilizamos mensagens não relacionadas à discussão sobre a infância, como marcações de outros usuários do Facebook e manifestações contra e a favor do governo Bolsonaro.

Com esse processo de seleção, contabilizamos, entre os 217 totais, 71 comentários, que foram então analisados, buscando-se a identificação de Sequências Discursivas (SDs) relacionadas à compreensão social sobre a infância, como veremos a seguir. SDs, para AD, são trechos que o analista recorta do texto estudado e que carregam sentidos relacionados ao seu problema de pesquisa. Dessa forma, em um mesmo comentário, pode haver mais de uma SD identificada.

Sentidos da infância e competência afetiva

Nas 71 postagens do público analisadas, identificamos um total de 64 Sequências Discursivas com sentidos sobre infância. Além disso, destacamos mais 9 SDs (totalizando 73) que defendem que essas situações em que a criança aparece durante um vídeo ao vivo não deveriam ser noticiadas, das quais trataremos mais adiante. Nas SDs sobre infância, identificamos duas Formações Discursivas (FDs): 1) Infância Acolhida, com 35 SDs; e 2) Infância Indisciplinada, com 29. Pêcheux (1995, p. 160) define como Formação Discursiva “aquilo que, numa formação ideológica dada, isto é, a partir de uma posição dada numa conjuntura dada, determinada pelo estado de luta de classes, determina o que pode e deve ser dito”. O quadro a seguir mostra os sentidos que aparecem nos comentários que compõem cada uma dessas duas FDs.

FDs	Sentidos	Quantidade de SDs
Infância Acolhida	Comportamento natural, aconchego do lar, empatia com a situação	35
Infância Indisciplinada	Adultos permissivos, crianças mal-educadas, pais querendo aparecer, criança esperta (diferente)	29

Tabela 1. Formações discursivas nos comentários. Fonte: Elaboração das autoras.

É possível perceber que há mais SDs na FD1 do que na FD2, o que indica uma compreensão por parte dos comentadores de que as crianças estavam tendo

5 Disponível em: <<https://www.facebook.com/UOL/posts/10156954180653239>>. Acesso em: 29 jul. 2021.

6 Disponível em: <<https://www.facebook.com/UOL/posts/10157004354443239>>. Acesso em: 29 jul. 2021.

seu espaço de convivência com os pais invadido e que os adultos precisaram se adaptar às novas rotinas impostas pelo isolamento. O sentido sobre a infância mais predominante, com 21 SDs fazendo parte da FD1, remete ao comportamento das crianças nas entrevistas como algo esperado para essa fase da vida. Elas aqui são compreendidas como naturalmente peraltas ou espontâneas, sobretudo quando estão ainda na primeira infância, e muitas vezes a cena é vista como algo engraçado e querido. No Facebook, os comentadores dizem que seus filhos se comportam da mesma maneira durante a pandemia, demonstrando empatia com os entrevistados, que também precisam gerir a vida doméstica em meio à rotina laboral. É o que podemos ver nas seguintes SDs: “Kkk normal. Quem tem filhos sabe bem?”; “Kkk filho passa dos limites”; “Kakakakakk q cena fofa!”; “Criança sendo criança”.

Alguns comentadores usam ainda este argumento para se contrapor às mensagens que afirmam que a criança não se comportou bem: “A senhora quer impor disciplina militar para um menino de três anos.?”; “Com certeza essa pessoa não tem filhos, ou nunca criou, né”; “A criança tem 3 anos...”.

Por outro lado, a diferença quantitativa de SDs entre as duas FDs é pequena, o que mostra que ainda é significativa a expectativa de que cenários, fachadas pessoais, aparências e maneiras (GOFFMAN, 2006) esperados fossem mantidos pelos especialistas em suas casas mesmo durante a pandemia. A afirmação de que são crianças mal-educadas ou birrentas e a ideia de que os pais são permissivos, aceitando esse comportamento, aparecem com 10 SDs no primeiro caso e 15 no segundo. No primeiro sentido, surgem enunciados como “criança mal-educada [...] não perdem oportunidades de darem seus showzinhos”; “Pirralhos birrentos”; “remelentos”; e “Eu não acho nada fofo criança birrenta e desobediente”. Há uma clara reprovação ao comportamento das crianças, que são avaliadas como seres não ordeiros, que não se submetem ao controle adulto.

Em algumas dessas postagens, as crianças são vistas como sujeitos inerentemente indisciplinados, o que faz os comentadores expressarem uma espécie de repulsa por elas, e o desejo de afastá-las totalmente das vivências adultas: “Decidi com essa pandemia que não terei filhos”; “Crianças só atrapalham”; “Se não fizerem um pio sequer até que dá para suportar”; “Na minha família, quando adulto conversava, criança não se manifestava”.

7 Foi mantida, sempre que possível, a grafia original dos comentários, mas algumas alterações gramaticais foram feitas para facilitar a compreensão das frases.

Dornelles (2008, p. 12) afirma que a infância pode ser compreendida “[...] como um produto de uma trama histórica e social na qual o adulto que com ela convive busca capturá-la através da produção de saberes e poderes com vistas a seu gerenciamento”.

Nos comentários que dizem que a responsabilidade pela interferência é dos pais, fica mais evidente a compreensão de que os adultos falham ao permitir que os filhos apareçam durante as gravações, recriminando a postura displicente com o trabalho que esses pais transmitem ao público: “É coisa séria! Há 5 anos trabalho nessa modalidade e nunca me descuidei assim”; “Difícil lidar com crianças. No entanto, a mãe ou algum outro responsável deveria ‘segurar’ o filho num outro ambiente”; “Tempos de quarentena e pais permissivos”; “Trabalho é coisa séria! Eu já trabalho há mais de dez anos em home office, e eu não admito ‘conferece call’ com gente de pijama, mal vestido, com crianças ou interrupções”. Nota-se que as crianças são comparadas a um vestuário inadequado ao trabalho, igualando a relação entre pais e filhos à aparência, à estética dos indivíduos. Chama a atenção ainda que duas afirmações, de um mesmo comentarista, defendam que a interferência deveria ser combatida com violência física: “Nada que as boas e velhas havaianas, as legítimas, não resolvesse”.

Alguns comentários até mesmo colocam em dúvida a competência profissional dos pais, por causa da aparição das crianças, reverberando a defesa de Illouz (2011) de que o afetivo deve ser gerido, controlado, com ações estratégicas (respondendo à produtividade neoliberal) e competentes, para que os sujeitos ganhem projeção social: “Eduque primeiramente o filho, depois dê orientações de como combater a pandemia. Se não consegue dar educação ao filho, que fica empoleirado, imagina fornecer orientações aos cuidados para não se infectar”; “Não consegue cuidar do filho que tem 3 anos e quer ensinar o povo a se cuidar!”.

A demanda da gestão dos afetos se iguala às exigências a serem cumpridas na vida profissional, e os indivíduos devem responder do mesmo modo a ambas. No caso das crianças, um sujeito que não consegue controlar os corpos dos filhos no ambiente doméstico não pode ser considerado um especialista de confiança. O fato chama a atenção de uma comentarista, que rebate a afirmação: “O senhor [...] não deve ter filho ou se tiver imagino como cria os filhos [...] Como pode julgar a competência profissional da entrevistada pelo fato de a criança subir na mesa onde estava o computador”. O que nos faz

entender que esse processo social não se dá sem resistência, apesar de sua força discursiva, como atesta Illouz (2011). A própria interferência das crianças nos vídeos também mostra uma resistência a esse discurso disciplinador.

Essa visão repreensora na relação com as crianças reflete o modelo moderno de infância, que ainda resiste, apesar de estar sendo desconstruído: “A criança deste período [...] é a criança escolarizada, higienizada e suas principais características são suas faltas: ela é heterônoma, assexuada, sem razão e, portanto, sem capacidade de ação própria” (SARMENTO; MARCHI, 2008, p. 14). Ela dá lugar à criança mais autônoma, que é sujeito de direitos, e não apenas objeto de proteção, mas que ao mesmo tempo também é atingida pelas demandas neoliberais de preparação de si para o sucesso. A relação afetiva com as crianças (e a gestão que elas têm de fazer de si mesmas) é hoje também um projeto que a sociedade rege segundo os imperativos do capital, buscando a sua boa *performance* futura no mercado de trabalho. Sarmiento e Marchi (2008, p. 14) dizem que: “a infância na contemporaneidade está, ela também, sob a actual égide do ‘faça-você-mesmo’ ou seja, as crianças passam a arcar com a construção de sua própria biografia e de serem responsabilizadas pelo sucesso ou fracasso desta tarefa”.

Para além dos sentidos sobre a infância, encontramos nove SDs que se relacionam diretamente com o fazer jornalístico, pois defendem que as interferências das crianças não deveriam ser noticiadas. Essas mensagens podem indicar que a participação dos filhos em atividades do trabalho remoto estava já naturalizada para alguns comentadores, mas seus discursos não demonstram empatia com a situação relatada: “O menino entrou e saiu de boa”; “Só não entendi por que isso é notícia”; “Nada demais”; “Grande coisa”; “Quarentena com criança em casa, sem novidade”. Nessas SDs, há uma crítica à decisão jornalística de visibilizar essas situações, ou por considerarem que apenas o que foge do comum deve ser noticiado, ou por entenderem que as crianças não são sujeitos que devam ser protagonistas em notícias.

Considerações finais

Este artigo objetivou compreender que sentidos sobre a infância podem ser percebidos em comentários feitos em notícias sobre episódios em que crianças interferiram no discurso jornalístico durante a pandemia, considerando as demandas do capitalismo afetivo. Com base na análise dos comentários em três publicações do portal UOL, identificamos duas Formações

Discursivas: a da Infância Acolhida e a da Infância Indisciplinada, cada qual com seus sentidos.

Na primeira FD, além dos sentidos já comentados, foi possível perceber comentadores que demonstraram empatia com os profissionais que estavam nos vídeos (jornalistas e entrevistados) e outros que defenderam o lar como um espaço de aconchego, próprio das famílias, e que estava sendo invadido pelas atividades profissionais dos adultos. Na segunda FD, também identificamos sentidos menos recorrentes de que alguns pais poderiam querer copiar a situação apenas para virarem notícia e outros que tratavam a criança como esperta, com um comportamento além do esperado para sua idade.

Identificamos a presença de mais SDs na FD1, que carrega uma ideologia em defesa de que é inerente à criança brincar, ser peralta, e de que a casa é seu espaço de direito e de convívio familiar. O sentido aqui é o de acolhimento e respeito à criança como um sujeito que deve ser protegido, mas que também pode se manifestar e ter participação social. Nos vídeos, vemos crianças que tentam fugir do gerenciamento disciplinador do adulto durante uma pandemia que embaralhou ambientes e posições ocupadas nos relacionamentos. Em relação ao trabalho jornalístico, percebemos que muitos comentadores, inclusive, reconhecem esses episódios como uma forma de proximidade e identificação tanto com os entrevistadores quanto com seus entrevistados. Aqui, o afeto é não só levado em conta como também valorizado, e sua gestão passa a ser a do aconchego.

Por outro lado, a quantidade de SDs na FD2 também é bastante significativa, trazendo a ideia de que as crianças atrapalham a *performance* adulta e devem ser disciplinadas. Os sentidos presentes levam à conclusão de que adultos são bons pais quando disciplinam os filhos — até porque isso os fará adultos melhores —, e crianças são bons sujeitos se forem dóceis e controladas. Esses sentimentos dos leitores dizem respeito também ao fazer jornalístico. Fica visível que o público identifica que existem regras, estratégias e comportamentos próprios à profissão — inclusive na relação entre jornalista e fonte. Com essas lógicas, que envolvem contrato de comunicação e representação, quebradas na pandemia — pelo menos nos episódios analisados —, parte do público consegue demonstrar empatia, mas outra parte significativa se mostra intolerante, mesmo num período difícil. O afeto, então, diz respeito a um agir estratégico, em que a criança é alijada do ambiente profissional, e sua presença nele o contamina com traços de incompetência.

Por fim, entendemos ainda que o jornalismo aqui examinado perdeu, na ocasião, a oportunidade de incorporar em suas pautas as impressões sobre a infância que apareceram nos comentários vinculados às reportagens publicadas e que também circulam pelo senso comum, como a intolerância em relação ao comportamento infantil mesmo em um contexto de pandemia. Ao buscar desconstruir sentidos hegemônicos que entendem os corpos infantis como aqueles que interferem na ordem laboral e no cumprimento das demandas neoliberais, o discurso noticioso poderia contribuir para o debate social em torno dos papéis atribuídos às crianças, considerando-as cidadãs com desejos, capacidades e demandas próprias.

Juliana Doretto é professora e pesquisadora no Programa de Pós-Graduação em Linguagens, Mídia e Arte e no curso de Jornalismo da Pontifícia Universidade Católica de Campinas. É doutora em Ciências da Comunicação pela Universidade Nova de Lisboa e mestre na mesma área pela Universidade de São Paulo. É autora de *Pequeno leitor de papel: um estudo sobre jornalismo para crianças* (Alameda). É jornalista Amiga da Criança, título concedido pela Andi-Comunicação e Direitos, desde 2021, e pesquisadora cofundadora da Rede de Pesquisa em Comunicação, Infâncias e Adolescências (Recria). É membro do Coletivo de Jornalismo Infantojuvenil (Colo). Foi repórter de vários suplementos da *Folha de S.Paulo* e do portal UOL.

jdoretto@gmail.com

Thaís Helena Furtado é professora permanente no curso de Pós-Graduação em Comunicação da Universidade Federal do Rio Grande do Sul (UFRGS). É professora do Departamento de Comunicação da UFRGS e líder do Núcleo de Pesquisa em Jornalismo (Nupejor); é doutora em Comunicação e Informação pela mesma universidade, autora da tese "O jornalismo infantil e o desejo de consumo: o discurso da revista *Recreio*". É mestre em Letras pela UFRGS e pesquisadora cofundadora da Rede de Pesquisa em Comunicação, Infâncias e Adolescências (Recria). É membro do Coletivo de Jornalismo Infantojuvenil (Colo). Foi repórter e subeditora da revista *Veja* e editora do jornal *Zero Hora*.

thaisfurtado93@gmail.com

Contribuições de cada autor: as duas autoras participaram ativamente de todas as etapas de realização do artigo.

Referências

AGUIAR, E. Após começo turbulento, empresas se adaptam ao home-office e planejam mantê-lo. **CNN Brasil**, 18 jun. 2021. Disponível em: <<https://www.cnnbrasil.com.br/business/apos-comeco-turbulento-empresas-se-adaptam-ao-home-office-e-planejam-mante-lo/>>. Acesso em: 14 jul. 2021.

BRENOL, M.; SOUSA, M. E.; BACCIN, A. Dispositivos móveis afrontam a linguagem telejornalística na cobertura da COVID-19. *In: Anais do XXII Encontro Nacional da Compós*. São Paulo [...] Associação Nacional de Programas de Pós-Graduação em Comunicação, v. 30, 2021. Disponível em: <<https://proceedings.science/compos-2021/trabalhos/dispositivos-moveis-afrontam-a-linguagem-telejornalistica-na-cobertura-da-covid-19>>. Acesso em: 9 ago. 2021.

CHARAUDEAU, P. **Discurso das mídias**. São Paulo: Contexto, 2009.

DORNELLES, L. V. **Infâncias que nos escapam**. Petrópolis, RJ: Vozes, 2008.

FIGARO, R. *et alii*. O trabalho do comunicador durante a pandemia da Covid-19. *In: Revista Latinoamericana de Ciencias de la Comunicación*, Alaic, São Paulo, v. 19, n. 35, 2020. Disponível em: <<http://revista.pubalaic.org/index.php/alaic/article/view/678>>. Acesso em: 22 jul. 2021.

GOFFMAN, E. **A representação do eu na vida cotidiana**. 2. ed. Petrópolis: Vozes, 2006.

GZH. Filha de Daniel Scola “invade” programa ao vivo e dá show de fofura; veja o vídeo. 5 ago. 2020. Disponível em: <<https://gauchazh.clicrbs.com.br/cultura-e-lazer/tv/noticia/2020/08/filha-de-daniel-scola-invade-programa-ao-vivo-e-da-show-de-fofura-veja-o-video-ckdhr4a7j001p013gg3bflv69.html>>. Acesso em: 14 jul. 2021.

ILLOUZ, E. **O amor nos tempos do capitalismo**. Rio de Janeiro: Zahar, 2011.

MÁXIMO, W. Teletrabalho impacta mais mulher e servidor com filho de até 4 anos. **Agência Brasil**, Brasília, 6 dez. 2020. Disponível em: <<https://agenciabrasil.ebc.com.br/geral/noticia/2020-12/teletrabalho-impacta-mais-mulher-e-servidor-com-filho-de-ate-4-anos>>. Acesso em: 14 jul. 2021.

SARMENTO, M. J.; MARCHI, R. C. Radicalização da infância na segunda modernidade: para uma sociologia da infância crítica. *In: Configurações*, Braga n. 4, 2008. Acesso em: <<http://journals.openedition.org/configuracoes/498>>. Acesso em: 30 jul. 2021.

SIBILIA, P. O universo doméstico na era da extimidade: Nas artes, nas mídias e na internet. *In: Eco Pós*, UFRJ, Rio de Janeiro, v. 18, n. 1, p. 132-147, 2015. Disponível em: <https://revistaecopos.eco.ufrj.br/eco_pos/article/view/2025>. Acesso em: 30 jul. 2021.

OLIVEIRA, A. L. de. A espacialidade aberta e relacional do lar: a arte de conciliar materni-

dade, trabalho doméstico e remoto na pandemia de covid-19. In: **Rev. Tamoios**, Uerj, São Gonçalo, ano 16, n. 1, p. 154-166, maio 2020. Disponível em: <<https://www.e-publicacoes.uerj.br/index.php/tamoios/article/view/50448/33479>>. Acesso em: 30 jul. 2021.

ORLANDI, E. **Análise do discurso**: princípios e procedimentos. 2. ed. Campinas: Pontes, 2000.

PÊCHEUX, M. **Semântica e discurso**: uma crítica à afirmação do óbvio. 2. ed. Campinas: Ed. Unicamp, 1995.

POMPE, C. Pesquisa indica que trabalho remoto aumentou carga horária. **Contee**, 17 nov. 2020. Disponível em: <<https://contee.org.br/pesquisa-indica-que-trabalho-remoto-aumentou-carga-horaria/>>. Acesso em: 14 jul. 2022.

TRAQUINA, N. **Teorias do jornalismo**: a tribo jornalística – uma comunidade interpretativa transnacional. 2. ed. Florianópolis: Insular, 2008.

TRAVANCAS, I. S. **O mundo dos jornalistas**. 3. ed. São Paulo: Summus, 1993.

Referências do corpus

UOL. Crianças interrompem entrevistas dos pais e divertem a web; veja os vídeos. **Universa UOL**, 20 abr. 2020. Disponível em: <<https://www.uol.com.br/universa/noticias/redacao/2020/04/20/criancas-interrompem-entrevistas-dos-pais-e-divertem-a-web-veja-os-videos.htm>>. Acesso em: 29 jul. 2021.

UOL. Filho sobe em móvel enquanto mãe (e infectologista) discute pandemia na TV. **TV e famosos**, 19 abr. 2020. Disponível em: <<https://tvefamosos.uol.com.br/noticias/redacao/2020/04/19/filho-sobe-em-movel-enquanto-mae-e-infectologista-discute-pandemia-na-tv.htm>>. Acesso em: 29 jul. 2021.

UOL. Menino aparece com capa de pikachu durante entrevista ao vivo do pai na CNN. **TV e famosos**, 5 abr. 2020. Disponível em: <<https://tvefamosos.uol.com.br/noticias/redacao/2020/04/05/menino-aparece-com-capa-de-pikachu-durante-entrevista-ao-vivo-do-pai-na-cnn.html>>. Acesso em: 29 jul. 2021. 19 abr. 2020.

Texto recebido em 20/07/2022 e aprovado em 04/11/2022.